

Mulher Boa Tem Cheiro De Detergente Nas Mãos: A Atribuição Do Trabalho Doméstico Como Questão De Gênero Na Série “Mundo Sem Mulheres”¹

Briana Kathi Klaus¹

Fabio Silva²

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO

Neste artigo, verifiquei a naturalização da representação do trabalho doméstico como atribuição ao gênero feminino voltando meu olhar para quatro episódios da série televisiva “Mundo Sem Mulheres”, apresentada no programa semanal “Fantástico” transmitido pela Rede Globo. Na análise me vali da Rede de Representações de Atores Sociais (Theo van Leeuwen, 1997) e do Modelo Tridimensional de Análise Crítica do Discurso (Norman Fairclough, 2001). Pude concluir que a atribuição do trabalho doméstico às mulheres é justificada pelas “qualidades femininas” das mesmas e que os homens o tratam como opção e sofrimento.

Palavras-Chave: Análise Crítica do Discurso; Gênero; Trabalho Doméstico; Mundo Sem Mulheres;

Entre homens e mulheres, há uma nítida relação de dominação fomentada por representações que estabelecem diferença e incompatibilidade entre um e outro e que são socialmente construídas e atribuídas desde a infância e desde os tempos mais remotos. Essas diferenças, no entanto, não são dadas de forma natural. São fomentadas pelas sociedades que as replicam de geração em geração (COLLING, 2004, p. 17) e estimuladas pela rede de instituições sociais que contribuem para a manutenção do poder. As escolas, o exército, os sistemas de saúde e também a mídia estão nessa rede (FOUCAULT, 2009).

Também os produtos midiáticos contribuem no reforço de representações socialmente construídas, pois, como explana Charaudeau (2006, p. 151), “a instância midiática impõe ao cidadão uma visão de mundo previamente articulada, sendo que tal

¹Trabalho apresentado no Intercom Jr., evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFSM/RS, email: brianaklaus@gmail.com

³ Mestre e Doutorando em Ciências da Linguagem pela UNISUL, email: fasil0304@gmail.com

visão é apresentada como se fosse a visão natural do mundo. Nela, a instância de recepção encontrará pontos de referência, e desse encontro emergirá o espaço público.”

Um exemplo de produto midiático normalizador é a série apresentada pelo programa “Fantástico” intitulada “Mundo Sem Mulheres”. Nela há grandes evidências desta construção do papel da mulher como “rainha do lar”. As mulheres ausentam-se dos seus lares por uma semana, deixando sob os cuidados de seus esposos o lar e a família, tarefas que estão, usualmente, sob encargo delas.

Por meio da análise crítica desta produção exibida pela Rede Globo de Televisão, pretendo apontar qual a influência do discurso apresentado por “Mundo Sem Mulheres” no reforço da naturalização do gênero feminino como responsável pelo trabalho doméstico e na representação deste como um sofrimento quando colocado como incumbência aos homens. Nesta tarefa, a Análise Crítica do Discurso, conforme Fairclough (1992) comentado por Caldas-Coulthard (2007), associará a análise textual com uma teoria social do funcionamento da língua em processos que envolvem ideologia e poder, mostrando como se produz esse discurso dentro dos elementos verbais do texto da fala do narrador/apresentador de “Mundo sem Mulheres”.

2 O Ponto De Partida: A Análise Crítica Do Discurso

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma orientação transdisciplinar dos estudos da língua que foi tomada como disciplina no início dos anos 90 por teóricos tais como Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Teo van Leeuwen e Ruth Wodak. Ela busca combinar uma teoria social do discurso com um método de análise textual (FAIRCLOUGH, 2001), investigando criticamente como o uso da linguagem e do discurso produz, reproduz e legitima desigualdades sociais (WODAK, 2004).

“[...] a LC e a ACD tentam evitar estabelecer uma relação simplista de determinação entre os textos e o social. Levando em conta as premissas de que o discurso é estruturado pela dominação; que cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; e que as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder, a abordagem complexa defendida pelos proponentes da LC e da ACD possibilita a análise das pressões verticalizadas, e das possibilidades de resistência às relações desiguais de poder, que figuram como convenções sociais” (WODAK, 2004, p. 226).

As convenções sociais naturalizam e estabilizam estruturas dominantes construídas. Ramalho e Resende (2006) atentam para a sugestão de Foucault (1997) de que essa naturalização do poder se dá, nas sociedades modernas, por meio de práticas

discursivas institucionalizadas como os sistemas de educação, saúde e prisão. Ainda, as autoras ressaltam a concepção de Fairclough (1989, p. 85 apud RAMALHO; RESENDE, 2006, p. 22) de que “a ideologia é mais efetiva quando sua ação é menos visível”. A ACD traz, então, ferramentas para desconstruir sistemas de conhecimento e crença que, por serem naturalizados via discurso na sociedade, passam despercebidos; parte de problemas sociais vigentes e adota o ponto de vista daqueles que estão à margem, analisa de forma crítica os que têm a responsabilidade, os meios e o poder de resolver os problemas destes (VAN DIJK, 1986, p. 4 apud WODAK, 2004, p.1).

Para Fairclough (2001) a mudança social e cultural cada vez mais incluirá tentativas de mudar as práticas de linguagem. É por argumentos como esses que o emprego da Análise Crítica do Discurso como método desta pesquisa, em especial sob a ótica das ramificações desenvolvidas por Fairclough (2001), com a Teoria Tridimensional do Discurso e por van Leeuwen (1997), a partir de sua Rede de Representação dos Atores Sociais, é altamente cabível.

3 Identidades Masculinas E Femininas: A Tradução Social Das Funções De Cada Corpo

Nosso corpo, mais do que nos definir como homens ou mulheres, nos dar garantia de existência e sobrevivência, significa no mundo. Ele é uma invenção, um discurso construído que alimenta relações sociais: de poder, de dominação, de diferença. Homens e mulheres têm seus corpos educados numa relação de dominação entre os gêneros onde o primeiro domina, regula e, por vezes, interdita o segundo. O corpo da mulher, desde tempos remotos, é tratado em referência ao do homem – visto como sua propriedade.

Neste sentido, Strey (2004) ilustra, com as menções contidas em Aristóteles, sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres:

As ideias biológicas de Aristóteles giravam ao redor no conceito de calor. Segundo o filósofo grego, apenas os embriões que tivessem calor suficiente poderiam desenvolver-se completamente como forma humana (masculina). O resto se tornaria feminino. [...]

Segundo acadêmicos clássicos, a falta de calor também produzia uma pletoira de outras deficiências nas mulheres, incluindo uma estatura mais baixa, uma constituição fraca, um cérebro menos desenvolvido, uma fraqueza emocional e moral que poderia pôr em perigo qualquer homem que ficasse sob a influência feminina.”(STREY, 2004, p. 226).

O feminino e masculino são identidades de gênero - são construções sociais, e não um atributo natural do sujeito. A identidade, para Hall (2000), é um discurso relacional

que classifica a realidade determinando o que está dentro e o que está fora de si. Isso significa que a construção da identidade se dá pelas condições material e social em que se encontra o sujeito, numa marcação de diferença com o outro: aquilo que eu sou é em grande medida definido por aquilo que não sou.

É por meio de condições biológicas, culturais, históricas, sociais, etc., que há a perpetuação (e é essa, mesmo, a palavra, pois as representações precisam ser aceitas e reproduzidas) de normas do que é “ser homem” e “ser mulher” – uma “natureza” para cada gênero, sendo uma incompatível com a outra. O homem é o ser corajoso, trabalhador, livre pública e politicamente. Enquanto a mulher é o “sexo frágil”, a mãe, aquela que serve aos filhos e à família e serve ao lar e é incapaz da atividade pública. E aquilo que foge a isso pode ser visto como estranho, reprovável, condenável e passível de punição (física ou psicológica).

4 Relações De Poder Entre Os Gêneros: A Divisão De Trabalho

O poder gera discursos que serão acolhidos como verdadeiros e que, também, servirão como regra para julgar outros como falsos (FOUCAULT, 2009). Essa verdade se estabelece por meio de coerções e é preciso ressaltar que estas não são repressivas, pois, do contrário, a manutenção do poder fracassar. Para Foucault (2009), o poder é tanto mais eficiente quanto mais invisível. Um poder que reprime e que só gera dor e descontentamento é facilmente identificável e alvo de resistência. Sendo o poder não apenas coercitivo e negativo, mas também produtivo e positivo, podemos observar que ele “produz sujeitos, fabrica corpos dóceis, induz comportamentos, “aumenta a utilidade econômica” e “diminui a força política” dos indivíduos e, por isso, Louro (2010, p. 40-41) conclui que os gêneros se produzem nas e pelas relações de poder”.

Entre tantas formas de relação de poder e de dominação, naturalizadas e consentidas entre homens e mulheres, está a divisão sexual do trabalho – dentre eles o trabalho doméstico, tema desta pesquisa. Entendo por trabalho doméstico aquele que é feito no lar, em função das necessidades e do bem-estar da família, de forma gratuita. Segundo Kergoat (S/D), essa divisão foi vista como “complementar”: enquanto os homens trabalham em funções de produção, com forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares, etc...), as mulheres ficam no lar em função da reprodução. “Esta forma de divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio de

hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um trabalho de mulher)” (KERGOAT, S/D, online).

Bernardes et. al. (2008) em sua pesquisa com crianças sobre suas compreensões do que é ser homem e mulher, concluiu que, em relação ao trabalho doméstico como limpeza, organização, higiene pessoal e dos membros da família, ele é essencialmente atribuído à mulher – embora isso não signifique que eles não achem os homens adequados para a tarefa. Assim, as tarefas consideradas “de homem” no espaço doméstico dizem respeito à conservação da casa e aos consertos diversos; além da própria construção da casa. Já estes não são encarados como passíveis de realização pela mulher, porque exigem habilidades culturalmente consideradas masculinas. Similarmente, Hillesheim (2004) apresenta a pesquisa de Campos (1980), onde as meninas têm maior carga de trabalho doméstico para realizar do que os meninos, e também têm maior obrigação em relação a ele.

Isso leva à consideração feita por Hillesheim (2004, p. 42), de que “para as meninas, [o trabalho doméstico] trata-se de um cotidiano repetitivo, base da *natureza* feminina, confirmando sua *inferioridade* e sua destinação à maternidade” (comentário meu). Essa ideia de “natureza feminina” acaba por regulamentar o trabalho doméstico como sendo das mulheres e incapacitando, tornando opcional e até mesmo sôfrego o mesmo aos homens. As mulheres são, então, aprisionadas à “sua condição de futuras mães ou donas de casa, na medida que não haveria felicidade fora do casamento e da família” (HILLESHEIM, 2004, p. 42).

5 Metodologia

“Mundo Sem Mulheres” é uma série que foi veiculada em todos os estados do Brasil pelo programa Fantástico do canal aberto Globo, da Rede Globo de Televisão, durante quase dois meses, de março a maio de 2013. A série também foi exibida pelo canal pago GNT, também da Rede Globo de Televisão, no mesmo período. Neste trabalho, dou foco à veiculação da série pelo canal aberto.

Exibida em canal aberto pelo Fantástico, a série foi dividida em 8 episódios e consiste no acompanhamento da vida doméstica de 11 famílias (formadas por pai, mãe e filhos – e uma exceção onde há enteados) nas quais a mulher se ausenta e passa uma semana num SPA. Neste estudo, observarei 4 dos 8 episódios da série “Mundo Sem Mulheres”, observando apenas o conteúdo textual verbal narrado pelo apresentador da

série. Para isso, realizarei transcrições das suas falas. Não me deterei a qualquer texto não-verbal e também a nenhuma outra fala que não a do narrador/apresentador.

Para a análise, recorro ao modelo tridimensional de Fairclough (2001) e à Rede de Representação dos Atores Sociais de van Leeuwen (1997). A escolha destes dois métodos é fundamentada na qualidade de análise que a combinação destes proporciona ao capturar detalhes da linguagem e abarcar os âmbitos textual, discursivo e social do texto analisado.

6 Apresentação E Discussão Dos Resultados: A Análise

Dentro da narração/apresentação da série “O Mundo sem Mulheres” foram encontradas as representações de oito atores sociais, assim classificados: a *mulher*, o *homem*, os *filhos*, a *família*, o *casal*, o *narrador/apresentador*, o/a/s *espectador/a/es* e o grupo *narrador/apresentador-espectador/a/es*.

O ator social “mulher” é caracterizado pela ligação com o lar, com o marido e com os filhos. Na maioria dos casais da série, é possível perceber que a mulher tem emprego e o concilia com o trabalho doméstico, mas essa situação não é explícita. Ela foi representada de 28 formas diferentes no texto (vide Tabela 2 do Apêndice A). Dentro destas 28 formas – contempladas em substantivos e pronomes, houve 93 ocorrências de representação: 46 no primeiro episódio, 18 no terceiro, 13 no quinto e 17 no oitavo e último.

A representação mais utilizada foi *mulher*, em sua maioria no plural. Foram 21 ocorrências ao todo – contabilizando as que compõem a expressão “Mundo sem Mulheres” que dá nome à série, pois elas também geram sentido no texto.

Depois, o termo mais identificado no texto se refere ao nome de cada uma das participantes da série. São 15 ocorrências. Já os pronomes possessivos foram utilizados 10 vezes em todo o corpus em acompanhamento de outros substantivos que nomeiam o sujeito “mulher”.

5.1 O Wellington não sabe como **sua** mulher, Isabella, consegue fazer tanta coisa ao mesmo tempo.

São também 10 presenças dos pronomes *ela/elas* e 5 *ela/elas em elipse*. *Dela/delas* aparecem 3 vezes em todo o corpus e *dela em elipse* é marcado 1 vez na narração dos episódios analisados. Além disso, *mãe/mães* aparece 6 vezes em todo o corpus – sendo a maioria no plural - e a designação *amadas* aparece por 2 vezes.

Também aparecem *amigas, companheiras, cúmplice, dona-de-casa, guerreiras, heroínas, trabalhadora, nossas, essas, nelas*, apenas uma vez em todo o corpus, assim como a menção à *profissão* da mulher.

A mulher também é representada por meio de adjetivos (Tabela 1 do Apêndice B). São 14 manifestações no total, sem nenhuma repetição: felizes, ansiosas, preocupadas, eufóricas, aliviadas, cheias de esperança, cheias de saudade, ocupadas, queridas, renovadas, tagarelas, quietinhas, acompanhadas e mesmas.

Quanto ao ator social “homem” há, também, 26 tipos de representação por substantivos e pronomes, totalizando 98 ocorrências (vide Tabela 3 do Apêndice A). O ator social “homem” é um dos participantes do “Mundo Sem Mulheres” e se caracteriza pelas funções de pai, marido e trabalhador. É característica deste ator social a inaptidão para os trabalhos domésticos e os cuidados com os filhos. Entre as suas representações, a mais frequente se relaciona ao seu *nome* – *um substantivo próprio*. São 34 ocorrências.

5.2 Como o **Fábio Felizardo** vai se multiplicar em três sem dividir o cuidado das trigêmeas com a sua esposa Cláudia?

A segunda representação mais utilizada pelo apresentador para se referir aos homens são os pronomes *ele/eles*. Foram 17. *Ele/eles em elipse* apareceram 13 vezes. Depois, a forma *homem/homens* soma 11 aparições em todo o corpus.

Pai/Papai/Pais aparecem 6 vezes no corpus. *Marido/maridos* aparecem 4 vezes em todo o texto transcrito. *Maridões* aparece, ainda, uma vez. *Amigos* é mencionado por 3 vezes em todos os episódios analisados e *heróis*, duas. Também por duas vezes aparecem as formas *esse/esses, dele/deles* e *nossos*. E, apenas uma vez, as seguintes formas: *cavaleiros, todo mundo, outro, seu* e *quem*.

O “homem” também é adjetivado (Tabela 2 do Apêndice B): corajoso, tranquilo, sozinho, prontos, acostumado, ansiosos e cansados. Destes sete adjetivos, apenas um se repete (e é o único adjetivo a se repetir em todo o *corpus*): *sozinho/s*. Ele aparece por quatro vezes.

5.3 Eles vão cuidar, **sozinhos**, de tudo enquanto as mulheres aproveitam o sossego de um resort na serra.

Brevemente apresentados os dados quantitativos relativos aos atores sociais presentes no texto, posso me apropriar do que Fairclough (2001) considera como Prática

Discursiva (PD). Para o autor, a PD diz respeito aos processos de produção, distribuição e consumo do texto; essas informações estão em grande medida nas características do texto (já mencionadas na definição do corpus) e no contexto do mesmo. Ela está naquilo que o texto e sua configuração formal quer dizer. Articula esta com a rede de representações de Van Leeuwen (1997).

Partindo para as considerações sobre os dados, pude perceber que o ator social “Mulher” foi representado majoritariamente pela forma “mulheres” - que se enquadra em três formas de representação descritas por Van Leeuwen (1997): *genericização*, *assimilação* e *identificação relacional*. A *genericização*, segundo van Leeuwen (1997), refere-se à apresentação do ator social como pertencente a uma classe. Característica predominante dessa representação é o apagamento de traços individuais do sujeito, impossibilitando sua identificação e, em alguns casos, conferindo-lhe menor importância em relação aos outros que são especificados dentro do texto.

5.4 Mães, esposas, **mulheres**. E se elas desaparecessem da noite pro dia?

Nesta frase, “mães”, “esposas” e “elas” também sofrem *genericização*.

Ainda, “mulheres” também representa o grupo de mulheres femininas que participa da série televisiva. Essa referência a um grupo, à pluralidade, van Leeuwen (1997) define como *assimilação*. Essa escolha sugere o estabelecimento de um grupo homogêneo em que seus integrantes não são identificáveis de forma individualizada e nem têm traços característicos, ou seja, as mulheres que participam deste programa são agrupadas por não terem grandes diferenças entre si. Segundo van Leeuwen (1997) a individualidade tem grande valor em muitas esferas de nossa sociedade e, por isso, os textos tendem a individualizar o sujeito que considera de maior importância.

A representação por meio do nome, substantivo próprio, é a segunda forma mais identificada em todo o texto analisado e vale-se do recurso descrito por van Leeuwen (1997) como *nomeação*. Esses casos ocorrem, tipicamente, por nomes próprios, podendo ser *formal* (apenas o sobrenome), *semi-formal* (nome e sobrenome) e *informal* (apenas o nome). A mulher do Mundo Sem Mulheres tem *nomeação informal*. Ao contrário dos homens, essa representação não é a mais numerosa.

“Mulheres” também é um termo que funciona como a usual substituição do termo “esposa”, já que por vezes são relacionadas aos homens com os quais são casadas. Nessa relação cabe o pronome possessivo feminino da terceira pessoa do plural – “suas”

5.5 Quem são esses cavalheiros que aceitaram o desafio de viver uma semana sem **suas mulheres**?

Com a articulação deste pronome, “mulheres” entra na representação que van Leeuwen (1997) denominada *identificação*, em que a referência do ator está em relação àquilo que ele é de modo permanente. Essa *identificação é relacional*. “A identificação relacional representa os actores sociais em termos de relação pessoal, de parentesco ou de trabalho que têm entre si” (VAN LEEUWEN, 1997, p. 204). Nesse recurso é característica a presença de uma possessivação. A mesma classificação e condição pronominal acontece com a única presença da forma de representação “mulher”.

Essa condição de possessivação acontece predominantemente no caso da mulher. Ainda que a *identificação relacional* condiga com uma relação de parentesco, a mulher está representada como sendo do homem - o que manifesta uma relação de dominação já citada anteriormente e que van Dijk (2010) chama de *controle*, onde hierarquicamente o homem é superior. É importante frisar que o mesmo não acontece com o homem, sendo que ele só é possessivado quando apresentado como pai (“seu pai”) ou quando o narrador/apresentador deseja estabelecer um diálogo com o espectador.

Ainda, os pronomes “sua/suas” aparecem antes dos substantivos: “esposa” (em todas as suas aparições), “companheiras”, “amadas” e “mães” que igualmente se enquadram na *identificação relacional*. “Cúmplice”, “mãe” e “amigas” também.

“Mães” e “esposas” também aparecem como formas de *assimilação por coletivização*, representando as onze mulheres que participam da série. É interessante perceber que, logo no segundo parágrafo da transcrição do primeiro episódio, ainda que a série leve o nome “Mundo Sem Mulheres”, quem vai embora são, de fato, as “mães” e as “esposas”. Logo, mulher deve ser lida como mãe e esposa.

5.6 Durante uma semana **mães e esposas** fazem as malas e tiram um tempo só pra elas enquanto os homens ficam em casa cuidando de tudo.

A mulher também aparece por *funcionalização* nos substantivos “donas-de-casa” e “trabalhadoras”. Chamo atenção a este aspecto da linguagem utilizada pelo apresentador/narrador, pois estas duas palavras são utilizadas na mesma frase, o que significa que há uma diferenciação entre elas. Nota-se que, afinal, a dona-de-casa não é uma trabalhadora assim como o inverso também é verdadeiro. Há uma desvalorização do trabalho que o lar exige.

5.7 As 11 mães, esposas, **trabalhadoras**, **donas-de-casa**, não são mais as mesmas que partiram de Bangu há uma semana atrás.

Para concluir, a mulher é chamada de: “amadas”, “guerreiras”, “heroínas”. Estas representações são enquadradas – de acordo com a Van Leeuwen (1997) – como *categorização por avaliação*. Nesta modalidade, os atores sociais são qualificados de forma avaliativa como “bons ou maus, amados ou odiados, admirados ou lamentados” (idem, p. 207). Ainda que nessa categorização haja substantivos que remetam à força (“guerreiras” e “heroínas”) no texto ela é atenuada pela:

1. combinação do adjetivo “queridas”:

5.8 Pois bem, nossas **queridas guerreiras** em férias merecem o prazer de olhar um pouquinho pelo buraco da fechadura.

2. apresentação conjunta ao mesmo substantivo no gênero masculino:

5.9 Obrigado aos nossos **heróis** e **heroínas** do Parque Leopoldina pela coragem de entrar de cabeça nesse experimento e pela generosidade de compartilhar os seus melhores e piores momentos desses sete dias inesquecíveis

Já em relação ao ator social “homem”, a forma de representação que mais aparece no *corpus* são os substantivos próprios – os nomes. Esse processo, como citei anteriormente, é a *nomeação*. É notável que a quantidade de vezes em que o nome do homem aparece (34) é bem maior do que no caso das mulheres (15) e que, enquanto a nomeação das mulheres é informal, a dos homens é semi-formal. Esse contexto denota certo desligamento do homem com a família, já que a *nomeação* é uma forma de individualizar o sujeito, atenuando suas relações sociais. Também, na grande maioria dos casos, o nome dos homens não evidencia parentesco por não conter sobrenome de casamento. O homem é mais chamado por seu nome, o símbolo de sua individualidade

que o define como único no mundo, do que de pai. No entanto, o sobrenome do homem é aquele ao qual a família leva e, não por coincidência, no texto de “Mundo Sem Mulheres”, os substantivos “família” e “famílias” nunca são desacompanhados de algum dos sobrenomes dos homens participantes da série.

A segunda expressão mais utilizada diz respeito ao pronome definido masculino da terceira pessoa – tanto no singular quanto no plural (“ele” e “eles”). A representação no plural ajusta-se nos recursos de *assimilação por coletivização*. Já “ele” aparece como uma variação do nome dos participantes dentro de sua individualidade.

Ainda em *assimilação por coletivização* há a terceira representação mais presente: “homens”. Assim como “pais”, “marido”, “maridos” e “maridões”. “Pais”, entre estas expressões, é o único que se enquadra em outra classificação: *identificação relacional*; dada pela (única) presença do pronome possessivo masculino da terceira pessoa do plural: “seus”.

5.10 Com o passar dos dias, os filhos sentem demais a falta de suas mães e testam o limite da paciência de **seus pais**.

Ainda sobre o recurso de *identificação relacional*, estão categorizadas as seguintes expressões: “amigo”, “amigos”, “pai” e “papai”; e, como no caso das mulheres, há entre os homens a *diferenciação* marcada pelo pronome indefinido masculino “outro”.

Finalizando, as *categorizações por avaliação* do ator social “homem” tem um caráter maior presença de força. O homem é “herói”, “cavalheiro”. Estes substantivos denotam bravura, coragem, força e civilidade e não são associados a outros adjetivos ou substantivos que os minorem essas qualidades.

Em relação às elipses de terceira pessoa existentes no texto, tanto para os homens como para as mulheres, elas servem como uma tentativa de maior aproximação do *espectador* com o *narrador/apresentador*, deixando o texto mais informal e requerendo do espectador atenção e ligação com o programa para identificar esse ator sem que necessariamente ele esteja explícito. Essas elipses não são passíveis de classificação dentro do sistema de exclusão de van Leeuwen (1979).

Para que o entendimento seja mais completo, optei por analisar os adjetivos após as considerações sobre os substantivos e pronomes.

Junto aos casos de “mulheres” como assimilação, estão os adjetivos: ocupadas, renovadas, cheias de saudade e acompanhadas. Felizes, ansiosas, preocupadas, eufóricas, aliviadas, cheias de esperança, tagarelas e quietinhas são associadas às elipses de “elas”. São citados em momentos que mencionam a ida ao SPA e a volta à casa, por parte das mulheres. Os adjetivos empregados ao ator social “mulher” têm grande ligação com sentimentos e emoções e não são empregados por acaso, como será possível perceber ao final desta análise.

O emprego de adjetivos para o ator social “homem” está em posições bem mais variadas (até mesmo por haver mais formas de representação em substantivos e pronomes no caso do homem) e tem maior ligação com força e coragem, apesar de vitimizá-los pela ausência da mulher. “Corajoso” é referenciado pelo pronome demonstrativo “esse” e faz referência ao pai de trigêmeas que terá de cuidá-las por uma semana. Essa paternidade ativa é vista como um desafio, e por isso ele é investido de coragem.

O adjetivo mais numeroso, “sozinho”, aparece ligado a dois substantivos próprios (*nomeação*); também a “quem” e “eles”. Em duas situações o adjetivo está numa frase onde a ação que homem precisa tomar é cuidar dos filhos e, nas outras duas, faz referência ao trabalho doméstico que outrora era feito pela mulher ou pela empregada. Essa expressão é escolhida de forma a mostrar que o homem sofreu um abandono, além de propor uma condição de maior dificuldade na realização do trabalho que o lar lhe requer. A série “Mundo Sem Mulheres” demonstra que o homem tem tal inaptidão no trabalho doméstico por não agir nele frequentemente, que a mulher tem maior habilidade para o trabalho doméstico e que, embora ela o faça todos os dias sem a ajuda do marido, quem está “sozinho” nesta situação é ele.

“Acostumado” surge ligado a uma *nomeação* dentro de uma frase que comenta que “Célio Maia” (*nomeação*) está acostumado com trabalho pesado. A expressão sugere que o trabalho da mulher também é pesado. No entanto, há uma diminuição da importância deste trabalho da mulher no lar quando o narrador/apresentador fala que o mais difícil para Célio Maia é ficar longe da Geisi, a esposa. Neste sentido o avanço está na maior sensibilidade atribuída ao homem, pois ele sente a falta da esposa sem qualquer ligação com o trabalho doméstico.

Por fim, “cansados” aparece no último episódio, junto à *associação por assimilação*: “maridões”. Na frase onde “cansados” está presente, o

narrador/apresentador ainda comenta que, mesmo nessa condição, “depois de uma semana de desafios”, o homem preparou a casa para receber a mulher. Esta frase denota o quanto ele sofreu e o quão sacrificante é agradar a mulher.

Não identifico exclusões, nem por *supressão* nem por *encobrimento*, no texto do narrador/apresentador, pois, como a proposta do programa é restrita à casa das famílias, a ideia é, mesmo, abarcar apenas os integrantes daquela geração e no texto todos estão explícitos.

Acerca dos pormenores analisados por meio das obras de Van Leeuwen (1997) e Fairclough (2001), parto para a Prática Social (FAIRCLOUGH, 2001) com o texto de Lisbôa (1998) que destaca que o ser homem é fundamentalmente não ser mulher e que, como as identidades são construídas por coisas com as quais nos identificamos (identificação) ou vemos como diferentes de nós (diferenciação), a igualdade entre os gêneros teria de passar por uma desconstrução sobre o que é ser mulher por parte dos homens. No entanto, essa situação é dificultada porque os homens teriam que admitir, talvez, haver neles um lado feminino.

O discurso do “ser” homem ou mulher é produzido e reproduzido de tal maneira que nos leva a crer numa visão de “natureza feminina”, que explica que a mulher nasce com determinadas características que os homens não têm (como a sensibilidade e a habilidade para trabalhos domésticos) e que essa situação é determinada biologicamente. Segundo Hillesheim (2004) falar da divisão sexual do trabalho não significa apenas relatar qual trabalho fica a cargo de quem e por quê. Essa divisão é muito mais complexa e diz respeito a hierarquias socialmente construídas como uma forma de poder entre os sexos.

É preciso lembrar que, na série, a condição dos homens como responsáveis oficiais pela manutenção das necessidades da casa e da família dentro lar não são permanentes: dura apenas uma semana, além de ser atípica e realizada para um programa televisivo. E a característica de dominação e relação de poder entre os gêneros fica bem explícita pela articulação das representações da mulher com o pronome possessivo “sua”. Além disso, o trabalho e a força da mulher são desvalorizados ou amenizados no texto do narrador/apresentador da série. A mulher deve valorizar, mesmo, ser mãe, esposa e dona-de-casa, pois o momento em que os homens mais demonstram saudade das mulheres é quando estão fazendo as tarefas domésticas que, por costume, seriam delas.

6 Considerações Finais

Ao final deste trabalho, creio ter alcançado os objetivos propostos num primeiro momento. Minha intenção de identificar formas de representação do trabalho doméstico como sendo naturalmente da mulher, divisão essa fundamentada sob argumentações acerca de seus atributos femininos, foi alcançada. Credito esse resultado ao uso da ACD como sustentáculo teórico-metodológico e ao ferramental metodológico - disposto em van Leeuwen (1997) e Fairclough (2001) - utilizado que se mostrou tanto eficiente quanto completo. O “Mundo Sem Mulheres”, com sua intenção de proporcionar igualdade entre os gêneros, mostrou que os homens sentem falta de suas mulheres, mas eles precisam mesmo é das mães e das esposas, das “rainhas do lar”; aquelas que fazem *tour* até a sala e têm as mãos finas de tanto lavar. Penso que essa visão reproduz representações que estabelecem relações de controle sobre o gênero feminino; e por estar num programa de entretenimento como o “Fantástico”, a audiência a absorve enquanto passa despercebido por seus olhos, como se fosse o natural.

Afora o abordado nesse artigo, essas naturalizações sobre gênero constroem também um preconceito em relação aos novos formatos de família pois, se um homem não consegue administrar o trabalho doméstico porque esse é da mulher, como vai haver uma família formada por um pai solteiro e um filho? Uma família formada por um casal homoafetivo, então... além de inviável é uma aberração.

Ainda sobre os aspectos de construção e abordagem do trabalho, acredito que, embora o objetivo deste trabalho tenha sido alcançado, a continuidade do tema poderia ser dada na análise das outras vozes (mulher, homem e filho) existentes na série e também da análise dos verbos empregados aos sujeitos (o que não foi possível neste artigo devido à limitação de espaço).

Referências

BERNARDES, N. M. G. et al. Ser mulher, ser homem: significações construídas por crianças de classes populares. In: JACQUES, M. G. C. et al. (Org.). **Relações sociais e ética**. Porto Alegre: ABRAPSO-SUL, 1995. p. 219-232.

CALDAS-COULTHARD, C. R. Da Análise do Discurso à Análise Crítica do Discurso: introduzindo conceitos. In: CALDAS-COULTHARD, C. R. (Org.); SCLIAR-CABRAL, L. (Org.). **Desvendando Discursos: Conceitos Básicos**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007. p. 19-44.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLING, A. A construção histórica do masculino e do feminino. In: STREY, M. N (Org). CABEDA, S. T. L. (Org), PREHN, D. R. (Org). **Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004. p.13-18.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 29 ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Disponível em: <
<http://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/foucault-michel-as-palavras-e-as-coisas-digitalizado.pdf>> Acesso em: 03/08/2013

GIDDENS, A. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas**. São Paulo: Unesp, 1993.

HILLESHEIM, B. **Trabalho doméstico: o serviço de sempre**. In: STREY, M. N (Org). CABEDA, S. T. L. (Org), PREHN, D. R. (Org). **Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.

LISBÔA, M. R. A. . Masculinidade: as críticas ao modelo dominante e seus impasses. In: Joana Maria Pedro; Miriam Pillar Grossi. (Org.). **Masculino, Feminino Plural**. 1ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998, v. I, p. 131-138.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Vozes, 2010.

RAUEN, F. J. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

STREY, Marlene Neves. **A “Criação” do Corpo Feminino Ideal**. Disponível em: <
http://books.google.com.br/books?id=kxKsI5Kb_74C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 22/06/2013

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Poder**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

VAN LEEUWEN, T. **A representação os actores sociais**. In: PEDRO, E. R. (Org.) **Análise Crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

WODAK, R. **Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos**. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; FIGUEIREDO, D. de C. (Orgs.). **Linguagem em (Dis)curso: Análise Crítica do Discurso**. v. 4. Tubarão: 2004. p. 223-243.

APÊNDICE A

Tabela 1

Total geral das representações do texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem

Ator Social	Número de Formas de Representação	Número de Ocorrências Totais
Mulher	28	93
Homem	27	97
Filho/a/s	17	47
Família	9	18
Espectador/a/es	2	4
Narrador/apresentador	1	1
Narrador/apresentador- Espectador	2	5
Casal	2	4
TOTAL	88	269

Mulheres”

Tabela 2

Representações do ator social “mulher” no texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Mulheres	9	6	3	3	21
Nome (Substantivo Próprio)	5	6	4		15
Elas	3	1	1	1	6
Suas	4		1	1	6
Elas em Elipse	3			1	4
Esposas	3			2	5
Mães	2		1	2	5
Delas em Elipse	1				1
Ela	1	2	1		4
Sua	4				4
Esposa	3				3
Amadas	1			1	2
Dela	1	1			2
Amigas				1	1
Companheiras	1				1
Cúmplice				1	1
Delas	1				1
Dona-de-Casa				1	1
Essas	1				1
Guerreiras		1			1
Heroínas				1	1
Mãe			1		1
Mulher	1				1
Nelas				1	1
Nossas		1			1

Profissão	1				1
Trabalhadora				1	1
Ela em Elipse	1				1
TOTAL	46	18	12	17	93
					TOTAL GERAL

Tabela 3

Representações do ator social “homem” no texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Nome (Substantivo Próprio)	11	13	10		34
Ele	6	1	2		9
Homens	2	3	3		8
Eles	4	1	2	1	8
Eles em Elipse	2			5	7
Ele em Elipse	2	4			6
Pais/Papais	1	1	2		4
Homem		3			3
Profissão	3				3
Pai/Papai	1	1			2
Nossos	1	1			2
Amigos		1	1		2
Heróis	1			1	2
Maridos				2	2
Marido	2				2
Amigo			1		1
Cavalheiros	1				1
Maridões				1	1
Todo Mundo		1			1
Esses	1				1
Esse	1				1
Outro	1				1
Deles		1			1
Dele	1				1
Seu	1				1
Quem	1				1



Operários	1				1
TOTAL	44	27	22	5	97
					TOTAL GERAL

Tabela 4

Representações do ator social “filho” no texto verbal do narrador/apresentador em
 “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Filhos	7	1	2	2	12
Crianças		1		1	3
Criança	1	1			X
Nome (Substantivo Próprio)	2	7	6		15
Trigêmeas	2	1	2		5
Enteados			1		1
Moçada	1				1
Meninas		1			1
Filhas			1		1
Filha	1	1	2		4
Infantil	1				1
Filhos em Elipse			1		1
Filhinha	1				1
Elas		1			1
Esses			1		1
Meninos			1		1
Eles em Elipse			1		1
TOTAL	15	14	15	3	47
					TOTAL GERAL

Tabela 5

Representações do ator social “família” no texto verbal do narrador/apresentador em
 “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Famílias		1		1	2
Família	2		1		3
Participantes				1	1
Sobrenome (Substantivo Próprio)	3		1		4
Casa	3	1			4
Sua	1				1
Dessas				1	1
Eles				1	1
Eles em Elipse					
Todos				1	1
TOTAL	9	2	2	5	18
					TOTAL GERAL

Tabela 6

Representações do ator social “filho” no texto verbal do narrador/apresentador em
 “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Você	3				3
Seu	1				1
TOTAL	4	0	0	0	4
					TOTAL GERAL

Tabela 7

Representações do ator social “narrador/apresentador” no texto verbal do narrador/apresentador em “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Eu	1				1
TOTAL	1	0	0	0	1
					TOTAL GERAL

Tabela 8

Representações do ator social “narrador/apresentador-espectador/a/es” no texto verbal do narrador/apresentador em “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Nós em Elipse	1	1	1		3
A Gente		2			2
TOTAL	1	3	1	0	5
					TOTAL GERAL

Tabela 9

Representações do ator social “casal” no texto verbal do narrador/apresentador em
 “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Os Dois	1				1
Os Dois em Elipse	3				3
2	4	0	0	0	4
					TOTAL GERAL

APÊNDICE B

Tabela 1 – Identificação de adjetivos ligados ao ator social “mulher” no texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Felizes	1				1
Ansiosas	1				1
Preocupadas	1				1
Eufóricas	1				1
Aliviadas	1				1
Cheias – de esperança	1				1
Ocupadas		1			1
Queridas		1			1
Renovadas				1	1
Cheias – de saudade				1	1
Tagarelas				1	1
Quietinhas				1	1
Acompanhadas				1	1
TOTAL	6	2	0	6	14
					TOTAL GERAL

Tabela 2 – Identificação de adjetivos ligados ao ator social “homem” no texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Corajoso	1				1
Tranquilo	1				1
Sozinho	3	1			4
Prontos	1				1
Acostumado		1			1
Ansiosos				1	1
Cansados				1	1
TOTAL	6	2	0	2	10
					TOTAL GERAL

Tabela 3 - Identificação de adjetivos ligados ao ator social “filho/a/s” no texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem Mulheres”

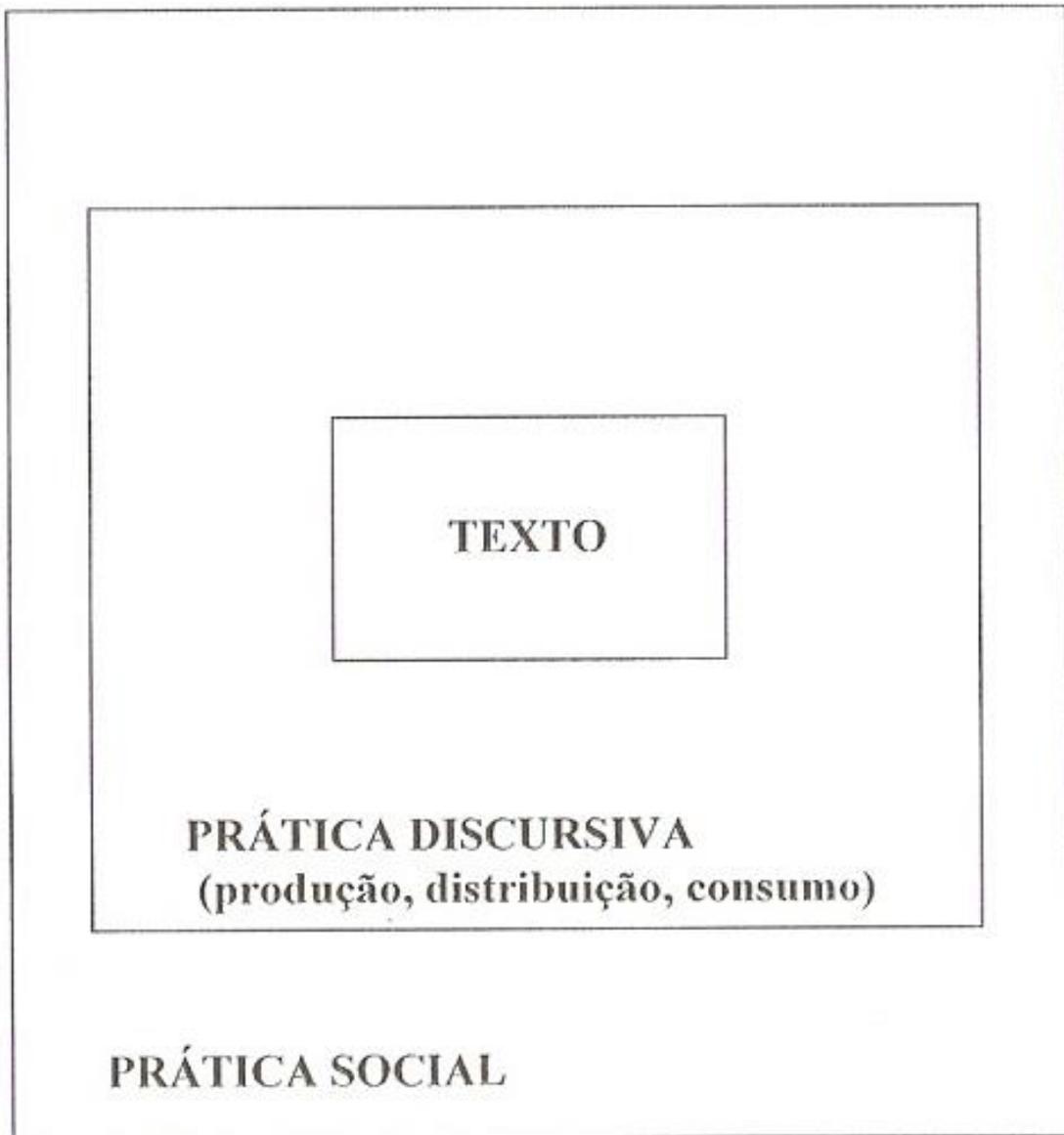
Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Insatisfeita			1		1
Conhecida	1				1
Satisfeita		1			1
TOTAL	1	1	1	0	3
					TOTAL GERAL

Tabela 4 - Identificação de adjetivos ligados ao ator social “casal” no texto verbal do narrador/apresentador de “Mundo Sem Mulheres”

Formas de Representação	Número de Ocorrências				TOTAL
	Episódio 1	Episódio 3	Episódio 5	Episódio 8	
Apaixonados	1				1
TOTAL	1	0	0	0	1
					TOTAL GERAL

ANEXO A

Modelo Tridimensional do Discurso, por Fairclough (2001)



ANEXO B

Rede de Representação dos Atores Sociais, por van Leeuwen (1997)

